

# **NOS@EUROPE**

## ***O Desafio da Recuperação Económica e Financeira***

### **Prova de Texto**

**Erebu**

Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte

João Bonifácio

João Carvalho

Filipa Rodrigues

Beatriz Rodrigues

Dezembro de 2011

Desde 2008 que somos invadidos diariamente pelas palavras crise, austeridade, pobreza. Somos constantemente alertados para os graves problemas que se vivenciam em todo o mundo, especialmente na Europa.

A grave crise económica de 2008 está a começar a tomar contornos irreversíveis. Tal como a grande crise de 1929, esta está a mudar o mundo em que vivemos e a deixar de ser apenas económica, revelando-se ímpar no que respeita a mudanças de hábitos das sociedades, com graves consequências.

Toda esta crise começou com uma bolha especulativa que foi criada e crescendo até atingir níveis gigantescos. E o que é esta bolha especulativa?

A bolha especulativa foi criada devido ao entusiasmo humano, à ideia de lucro fácil que o investimento na bolsa originava, suscitando o interesse das pessoas e, deste modo, quem tivesse dinheiro podia investir, com o objectivo de aumentar o seu capital; no entanto, também atingiria um limite até “reventar”, mesmo que tenha sido criada baseada em valores reais, por profissionais.

Com a expansão dos mercados além fronteiras, as empresas cotadas em bolsa foram ganhando prestígio e o seu estatuto deixou de ser considerado “frágil” tendo passado a serem vistas de outra maneira, que jamais iriam desvalorizar. A bolha que esteve na origem da actual crise apareceu devido à necessidade de reanimar o mercado, uma vez que este estava fragilizado pois outra bolha havia reventado (na década de 90, devido ao investimento exacerbado que se verificou em empresas tecnológicas). Esta necessidade de reanimar os mercados aliada às aplicações que haviam sido feitas nas empresas ligadas às novas tecnologias, originou um massivo investimento em dois ramos diferentes, o do imobiliário e o mercado de acções.

Nos finais dos anos 90, o sector imobiliário foi crescendo ilimitadamente. Os casos mais flagrantes desse crescimento situam-se na Europa, com especial destaque para Espanha, Reino Unido e Portugal. Este mercado que oferecia inúmeras garantias

aos investidores suscitou novamente um investimento por parte dos capitalistas. Este investimento bruto criou uma bolha que foi aumentando, tendo “reventado” em 2008.

Por outro lado, o investimento na bolsa e a compra de acções também criou uma bolha. Esta desenvolveu-se a partir dos capitais dos bolsistas, provocando um aumento do preço das acções, obedecendo desta maneira à Lei da Procura e da Oferta. A crescente procura provocou um aumento do valor das acções, originando uma sobrevalorização das empresas cotadas em bolsa, uma vez que estas continuavam com as mesmas dimensões.

Outro factor que esteve na origem desta crise foi a incapacidade das famílias no que respeita à gestão de orçamentos pois cada vez mais se assiste a uma desenfreada atitude consumista. A banca nacional começou por adoptar medidas que visavam à fácil concessão do crédito, facilitando o seu acesso (com taxas de juro menores e pagamentos tardios) e, ao mesmo tempo, começaram-se a desenvolver instituições exclusivamente para a concessão de dinheiro. Assim, as famílias com menor capacidade financeira recorreram ao crédito para conseguirem ter um nível de vida que, na realidade lhes era inalcançável, adoptaram estes mecanismos sem olhar para futuras consequências como, por exemplo, a forma de pagamento.

O facilitismo era tal que, para pagar algumas dívidas, as famílias voltavam a recorrer ao crédito (o que causou o sobre endividamento). Actualmente, o crédito malparado tem aumentado descontroladamente provocando graves fragilidades no sector bancário.

Devido à inexistência de uma cultura de poupança, os bancos deparam-se com um problema de liquidez, dificultando o financiamento ao investimento, o que é fulcral para o desenvolvimento de qualquer economia.

Realçamos, ainda, a globalização da crise. Os modelos políticos e económicos ocidentais começaram a sentir forte concorrência, muitas vezes desleal, por parte dos NPI, especialmente da China, Índia, Brasil ou Taiwan que, com a adopção de políticas

específicas (como os baixos impostos, custos de mão-de-obra reduzidos ou inúmeros benefícios fiscais) para receber novos investimentos estrangeiros, promoveram o encerramento de diversas multinacionais nos países de origem. Todos estes benefícios aliados a uma falta de fiscalização ou a desnecessidade de se preocuparem com alguns dos direitos humanos, causaram um desequilíbrio, favorecendo a relação entre o custo e o lucro.

Todos estes factores originaram a actual crise, funcionando como “efeito dominó”. O “rebentar” da bolha originou uma grave crise financeira, que rapidamente se alastrou a outros níveis da economia acabando por fragmentar a sociedade.

Consequentemente, a crise acarreta inúmeros problemas, como os entraves ao desenvolvimento. A palavra de ordem é a recessão pois as economias não estão a conseguir ter um desenvolvimento superior ao dos anos transactos. Verificámos que os países encontram-se com graves problemas financeiros, uma vez que as dívidas externas não foram controladas e as capacidades para o seu suporte são nulas. Estes endividamentos originaram uma falta de liquidez que resultou, por exemplo, na adopção de novas reformas que foram aplicadas nos planos de austeridade, para diminuir a despesa pública do Estado e, simultaneamente, aumentar as receitas, na tentativa de responder ao pagamento da dívida.

Com os rendimentos dos particulares a diminuírem, o poder de compra tornar-se-ia menor, dificultando assim a aquisição de bens e, com um mercado aberto como é o nosso, as empresas ainda tinham mais dificuldades de escoamento, acabando por falir e despedir os seus trabalhadores. Também devido à perda dos salários, os hábitos alimentares alteraram-se, a utilização dos transportes é mais racional e, os problemas de saúde tornam-se mais regulares devido à incapacidade de suportar as despesas.

O desemprego é, não só um flagelo nacional, mas de toda a Europa. Em 2008, em Portugal, o desemprego atingia os 8,4% da população activa e, hoje situa-se nos 12,9%; na União Europeia, atingia 6,9% e, tem vindo a aumentar, estando actualmente nos 9,8%.

Este grave problema social apresenta vários entraves ao desenvolvimento, uma vez que, com menores rendimentos as famílias vão ter menor capacidade de poupança e, esta é fundamental ao desenvolvimento.

Com os endividamentos maiores, as dificuldades aumentam e o descontentamento também, agravando a situação social, criando mais greves e mais abandono escolar.

Na região da Marinha Grande, capital do vidro, muitas empresas entraram em colapso, devido a endividamentos oriundos de créditos pedidos, a uma sobrecarga de impostos ou de más gestões.

Em suma, ninguém pode ser inteiramente culpabilizado pelo estado da economia mundial, pois desde o sector bancário, aos estados ou às famílias, todos contribuíram para esta situação.

Situação essa que não pode ser remediada no imediato, mas que com o contributo de todos aliada a um eficaz pacote de medidas governativas pode começar a ser resolvida!

Os membros da equipa “Erebu” declaram que este é um trabalho original e inédito, desenvolvido por eles com o fim de participarem na Prova de Texto do Concurso NOS@EUROPE.